



ASSASSINATOS NA AMAZÔNIA

Preso suspeito de mandar matar Bruno e Dom

Investigação aponta vínculo entre o comércio ilegal de animais e traficantes de drogas. Fontes locais dizem que há mais envolvidos

» ISABEL DOURADO*

A Polícia Federal prendeu, ontem, Rubens Villar Coelho, conhecido como Colômbia, suspeito de ser o chefe do esquema de lavagem de dinheiro do narcotráfico por meio da pesca ilegal na Vale do Javari. Intimidado a prestar depoimento, em que negou as acusações, Colômbia apresentou documentos falsos à PF e, por isso, acabou sendo detido em flagrante. Como a pena do crime de uso de documentos falsos é superior a quatro anos de reclusão, ele não poderá ser solto mediante pagamento de fiança. A PF pretende pedir a prisão temporária dele para aprofundar as investigações.

Uma das linhas da apuração policial aponta que Colômbia estaria incomodado com as ações do indigenista Bruno Pereira na região. Foi Bruno o responsável pelas apreensões de peixes que seriam usados no esquema de lavagem de dinheiro. As embarcações clandestinas levavam toneladas de pirarucus — peixe mais valioso no mercado local e exportado para vários países — e de tracaçás, espécie de tartaruga considerada uma especiaria exótica, oferecida em restaurantes no Brasil e no exterior.

Colômbia, que tem dupla nacionalidade (brasileira e peruana) é suspeito de usar o comércio ilegal de animais para lavar o dinheiro da droga produzida no Peru e na Colômbia — que fazem fronteira com a região do Vale do Javari — e é vendida a facções criminosas no Brasil. Há suspeita de que ele teria ordenado a Amarildo da Costa de Oliveira, o Pelado, que pusesse a “cabeça de Bruno a leilão”.

Fontes ouvidas pela reportagem do **Correio**, que pediram para não serem identificadas por medo de represálias, afirmam que Colômbia não é o principal mandante. Acima dele haveria um “chefe do esquema” que

mora na cidade colombiana de Letícia, na fronteira com o Brasil, e que tanto o assassinato de Bruno e do jornalista britânico Dom Phillips quanto o esquema de tráfico de pescados amazônicos tem a participação de outra pessoa, responsável pela troca dos animais por drogas e pela revenda a intermediários em Bogotá, capital da Colômbia.

A prisão de Colômbia pode desmontar de vez a primeira versão dada pela Polícia Federal, em 17 de junho, de que não havia indícios sobre a participação de possível mandante no assassinato de Bruno e Dom. Segundo uma das fontes ouvidas, o homem preso ontem mora em uma balsa na cidade brasileira de Benjamin Constant. A embarcação seria usada para armazenar pescados e carnes cobiçadas de caçam — como porco queixada, anta e veado — e combustível contrabandeado do Peru para abastecer barcos de pesca no Amazonas.

Antes de Colômbia, a PF já havia prendido mais quatro suspeitos de participação no assassinato de Bruno e Dom - Amarildo Oliveira, o Pelado; Oseney da Costa Oliveira, o Dos Santos; Jefferson da Silva Lima, o Pelado da Dinha; e Gabriel Pereira Dantas. Com exceção de Dos Santos, os demais confessaram participação no crime.

Clima de tensão

Ontem, a juíza Jacinta Silva dos Santos, titular da Comarca de Atalaia do Norte, determinou o envio do processo aberto para apuração dos assassinatos à Justiça Federal por se tratar de crime que atinge direitos dos indígenas. O Ministério Público corroborou a decisão judicial.

A União das Organizações Indígenas do Vale do Javari (Univaja) usou suas redes sociais, ontem, para se pronunciar a respeito da prisão de Rubens Villar

AFF



O jornalista britânico Dom Phillips estava escrevendo um livro sobre a Amazônia quando foi assassinado



Nós falamos que tinha uma pessoa financiando as atividades ilegais na região. O problema é que, na região, a situação continua tensa”

Eliesio Marubo, procurador da Univaja

Coelho, o Colômbia, e apresentou mais detalhes das investigações.

“Sabemos que estamos do lado certo da história. Agora tudo indica que a investigação será feita em nível federal. A prisão de hoje (ontem) corrobora as provas que a Univaja mencionou em momento anterior e que ficaram à disposição da sociedade e das autoridades. Nós falamos que tinha uma pessoa financiando as atividades ilegais na região”, disse o procurador da entidade, Eliesio Marubo.

Ele cobrou mais empenho da Polícia Federal no caso e alerta que o clima no Vale do Javari continua muito tenso. “Nossa expectativa é que a PF realmente se dedique sobre o inquérito e passe a

atuar de forma mais profunda. A PF fez uma coletiva de imprensa e disse que esse novo preso pode ser o mandante desse crime. O problema é que, na região, a situação continua tensa. Tudo continua como era antes.” A Univaja também denuncia que funcionários da Funai e lideranças indígenas vêm sendo intimidados por peruanos e colombianos.

“Na sexta-feira (da semana passada), tivemos informações de que um peruano e colombianos estiveram na Funai, em Atalaia do Norte, de forma ríspida e sem autorização, para intimidar. Isso reforça tudo que nós temos dito sobre a segurança. O crime está à vontade que eles invadem o prédio da Funai para intimidar

servidores. A insegurança ainda permanece na região.”

Repercussão mundial

Bruno e Dom desapareceram em 5 de junho, quando navegavam próximo à comunidade de São Rafael, distrito de Atalaia do Norte. Os restos mortais dos dois foram encontrados 10 dias depois do desaparecimento, quando Amarildo Oliveira confessou o crime e levou agentes policiais e indígenas que ajudavam nas buscas ao local onde os corpos foram enterrados.

A região da Reserva Indígena do Vale do Javari, a segunda maior do país, com mais de 8,5 milhões de hectares, concentra o maior número de índios isolados. Bruno Pereira já havia denunciado que sofria ameaças. O indigenista atuava como colaborador da Univaja desde que pediu afastamento da Funai, onde trabalhava, por não concordar com o afrouxamento da fiscalização federal na região. Dom Phillips era jornalista colaborador do jornal britânico *The Guardian*. Com o apoio da Fundação Alicia Patterson, Dom estava escrevendo um livro reportagem sobre a Amazônia.

Na quinta-feira, o Parlamento Europeu aumentou a pressão sobre o Brasil para que as mortes de Bruno e Dom sejam esclarecidas o quanto antes, com uma investigação “rápida, completa, imparcial e independente”. A resolução aprovada pelos eurodeputados mandou um duro recado às autoridades brasileiras e fez menção explícita à atuação do presidente Jair Bolsonaro. Segundo o texto, aprovado por 362 votos, o Parlamento Europeu “repudia a deterioração dos direitos humanos no Brasil desde que Jair Bolsonaro chegou ao poder” e indica que o assassinato do indigenista brasileiro e do jornalista britânico está associado à “violência sistemática contra povos indígenas”.

MEIO AMBIENTE

Daniel Nepstad/Divulgação

Destruição da floresta é recorde

» JOÃO GABRIEL FREITAS*

De acordo com o Sistema Deter, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Amazônia teve 3.988km² desmatados nos seis primeiros meses de 2022, quase dez vezes a área do Plano Piloto de Brasília. O número da destruição é o maior já registrado para este período desde 2016, e o triplo do registrado em 2017 (1.332km²). A pesquisa, divulgada ontem, mostra que, só em junho, o desmate atingiu uma área total de 1.120km², pior marca para o mês desde o início da série histórica.

Este é o quarto ano consecutivo com recorde de desmatamento no primeiro semestre, com um aumento de 10,6% em comparação aos primeiros seis meses de 2021.

Entre os estados, o Amazonas liderou pela primeira vez o ranking da devastação no semestre, com — 1.236km² —, o que representa 30,9% do total. O segundo



Amazônia já perdeu, este ano, quase 4 mil km² de mata nativa

é o Pará, que perdeu 1.105km² de cobertura florestal — 27,7% do total —, seguido por Mato Grosso, com 845km² (21,1%).

Para Rômulo Batista, porta-voz do Greenpeace Brasil, o cenário é “pessimista”, mas não é surpreendente, quando se observa que os primeiros quatro meses do ano apresentaram recortes sucessivos de desmatamento. Ele disse que “a política de expansão da área de exploração é do século passado” e que “este ano, a população tem que olhar para políticos que pensam na floresta em pé, seja no Executivo, seja no Legislativo”.

Em nota, a gerente de ciências do WWF-Brasil, Mariana Napolitano, disse que o desmatamento da Amazônia no primeiro semestre de 2022 torna cada vez mais próximo o momento em que a floresta não conseguirá mais se sustentar. “A Amazônia é chave para a regulação das chuvas das quais depende nossa agricultura, nosso abastecimento de água potável e a disponibilidade de hidroeletricidade. O roubo de terras públicas e o garimpo ilegal, que não geram riqueza ou qualidade de vida, estão destruindo nosso futuro.”

Cidades brasileiras longe do desenvolvimento

» ISADORA ALBERNAZ*

Nenhum dos mais de 5 mil municípios brasileiros atingiu o nível máximo do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades, medido pelo Instituto de Cidades Sustentáveis. O levantamento identificou que mais da metade das cidades do país não atingiu sequer o nível médio da escala, que tem como parâmetro os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

A pesquisa — a primeira do tipo feita em todas as cidades de um país — levou em consideração indicadores como saúde, educação, igualdade de raça e de gênero, saneamento básico, energia e acesso à água limpa, entre outros itens. Os municípios entram em uma classificação, de acordo com seu nível de desenvolvimento, que se divide em muito alto (80 a 100 pontos), alto (60 a 79,99), médio (50 a 59,99), baixo (40 a 49,99) e muito baixo (0 a 39,99).

Segundo o levantamento, a média alcançada pelas cidades do Brasil é de apenas 46,9 pontos. Mais de 55% das cidades

1.566

municípios brasileiros têm baixo grau de desenvolvimento

(1.566 municípios) foi classificada como de nível baixo de desenvolvimento. Apenas 2% atingiram o alto grau de desenvolvimento, e 14% apresentaram resultados que a colocaram no nível mais baixo. As 10 cidades com maior pontuação estão localizadas no estado de São Paulo. Na ponta oposta, oito das dez com pior desempenho no ranking ficam na Região Norte. São Caetano do Sul (SP), na região metropolitana de São Paulo, e Santana do Araguaia, no sudoeste do Pará, estão, respectivamente, no topo e na última colocação da lista.

As cidades da região Sudeste são as mais bem ranqueadas, com maior escore médio (51,92

pontos), seguidas pelos municípios das regiões Sul (49,86 pontos), Centro-Oeste (46,77), Nordeste (42,21) e Norte (39,62). Distrito Federal, São Paulo e Paraná são, respectivamente, os estados com melhores níveis de desenvolvimento, na média dos municípios.

Segundo Igor Pantoja, assessor de coordenação do Instituto Cidades Sustentáveis, os números representam “uma síntese que possibilita ver as desigualdades regionais para além da distribuição de renda”.

“Vemos pelo índice, por exemplo, a diferença de oferta de serviços públicos, a desigualdade de gênero e raça, direitos humanos etc. O índice mostra que vai além da questão econômica”, explicou.

O Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades foi elaborado em parceria com o Sustainable Development Solutions Network com o apoio do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e financiamento do Projeto CItinova.

* Estagiários sob a coordenação de Vinicius Doria